

- AFDRN

JOAO MARTINS DE ATHAYDE
OS SOFRIMENTOS
DE ALZIRA



RECADO DA CASA

LEANDRO GOMES DE BARROS

Refe: LEANDRO
c/ fruct de J.M.A.

358

- o/ inu/b

FC-654

-200

João Martins de Athayde
Proprietários: Filhos de José Bernardo da Silva

Os Sofrimentos de Alzira

ALZIRA era uma condessa
filha do conde Aragão
desde muito pequenina
que tinha um bom coração
embora que dos seus pais
não fôsse essa criação

Porque o conde pai dela
só olhava para o ouro
por isso chamava o cofre
o céu do meu anjo louro
dizia que a alma dêle
era a honra e o tesouro

Alzira desde criança
que era compadecida
dava pequeno valor
aos objetos da vida
visitava os hospitais
inda que fôsse escondida

Das iguarias da mesa
ela mandava um quinhão
para dar âquêles pobres
que mais tinham precisão
principalmente os doentês
que não tinham remissão

(2)

Um dia em qu'ela fêz ano
o padrinho presenteou-a
com uma capa de brocado
que muito caro comprou-a
ela achando-a muito linda
com muito gôsto guardou a

Indo a missa de S. Pedro
a primeira vez botou-a
de volta viu uma criança
gelada morrendo à tóa
ela pegou a criança
tirou a capa enbrulhou-a

Alzira tinha dez anos
quando este caso se deu
ela pegou a criança
nos seus braços aqueceu
antes de chegar em casa
a criancinha morreu

Chamou um criado e disse:
conduza este inocente
vá à casa mortuária
faça um enterro decente
pois morreu de fome e sêde
nesta praça cruelmente

— Morreu um pobre inocente
em tão grande crueldade
sem encontrar uma mão
de tantas que há na cidade
que a ela se estendesse
com olhos de caridade

Afinal Alzira era
amparo dos desgraçados
mãe dos órfãos desvalidos
braços e pernas de aleijados
os cegos pobres dali
eram por ela amparados

Alzira uma noite teve
um sonho muito cruel
sonhou que o pai obrigava
elã a fôrça beber fel
numa vasilha de ouro
dizendo: beba que é mel

Ela se acordou agitada
se ajoelhou e foi rezar
depois que acabou a súplica
benzeu-se e foi se deitar
da forma que ela sonhou
tornou de novo a sonhar

Ela por sonho recusava
porém seu pai obrigou-a
dizendo: beba este líquido
que é uma bebida boa
ou bebe a líquido do vaso
ou então amaldiçou-a

Ela pegava a taça
e bebia todo fel
com a amargura do líquido
sofia uma dor cruel
depois um anjo chegava
dava-lhe um cálice de mel

(4)

De manhã contou ao pai
o sonho que tinha tido
disse o pai que sonho era
uma ilusão do sentido
e disse: eu quando sonho
não fico surpreendido

Das damas daquele tempo
Alzira era a mais bela
havia o duque Agripino
primo legítimo dela
viu Alzira na igreja
quase enlouquece por ela

Alzira quando o viu
entristeceu de repente
ficou logo muito pálida
nervosa e impaciente
ficou como quem passasse
dois ou tres meses doente

O duque pediu-a ao conde
o conde disse que dava
Alzira disse ali mesmo
que com ele não casava
o duque quando ouviu isso
como criança chorava

Disse o conde: oh! minha filha
você assim obra mal
ele é duque e é seu primo
provém de sangue real
é como nós, descendente
dos reis de Portugal!

Alzira disse: eu não caso
 pois me faz repugnar
 disse o conde: pois de mim
 não deves nada esperar
 de hoje em diante até a benção
 eu não hei de te botar

Ai Alzira lembrou-se
 do que havia sonhado
 e disse logo consigo:
 é triste o meu resultado
 um sonho como o que tive
 é difficil ser errado

Sonhou que um anjo chegava
 e lhe mostrava uma luz
 dizendo: isto é uma carta
 enviada por Jesus
 azeite a taça de fel
 como ele aceitou a cruz

—Quando estiveres allita
 não te maldigas da sorte
 tenha confiança em Deus
 ainda encarando a morte
 se conhece o bom guerreiro
 quando a luta é muito forte

—Porque aonde Deus anda
 fica a verdade plantada
 a mentira se afugenta
 corre doida despersada
 descobrirá a si própria
 para assim ser castigada

Então disse Alzira ao pai
que aceitava o casamento
dizendo: meu pai, aceito
com gosto meu sofrimento
seja por Deus tudo isto
vou começar meu tormento

O duque Agripino disse:
vou preparar um condado
hei de fazer um pátacio
que depois de edificado
faça inveja a qualquer um
que fôr por êle avistado

Edificou um pátacio
com 30 metros de frente
das obras daquele tempo
êle foi o mais imponente
quem o visse ainda de longe
achava muito decente

Logo ao entrar no portão
fêz ele um rico jardim
debaixo dos arvoredos
fêz bancadas de marfim
o passeio onde se andava
era forrado a cetim

Uma escada que ia dar
entrada para o condado
parecia um santuário
de templo bem asseado
pelos melhores pintores
tinha sido isso pintado

Ao terminar a escada
dava em um grande salão
adiante outra sala
quase a mesma proporção
com tudo que é necessário
a um reunião

Estava adiante um corredor
que dava noutro salão
outra sala de visita
e outra pra refeição
de mármore e porcelana
havia ali um logão

Adiante estava a cozinha
e um formidável banheiro
coberto de uma abóbada
côr do céu sem nevoeiro
com o retrato de Vênus
através do reposteiro

Havia ao lado direito
um majestoso salão
ali existia um quadro
chamando tudo atenção
via-se o retrato em pérola
da duqueza de Aragão

Depois de pronto o castelo
foi ao conde de Aragão
disse que tinha aprontado
tôda sua habitação
foi aí marcado o tempo
para a realização

Foi marcado o casamento
para cinco de setembro
o noivo caiu doente
só veio no mês de novembro
ai só podia ser
no dia seis de dezembro

Isso era um dia de sábado
o sol surgia dourado
o mar batia tão quieto
o vento estava parado
o espaço parecia
um manto todo azulado

Na sexta-feira de noite
Alzira tinha sonhado
que chegava a tal criança
que ela tinha embrulhado
em traje de mensageiro
e dava a ela um recado

Manda te dizer Jesus
que vais entrar numa luta
com uma fera endiabrada
uma alma absoluta
e havia de cair
numa mão tirana e bruta

Disse: tu hás de habitar
no condado mais bonito
mas não te iluda com ele
pois é um cárcere maldito
do ouro dele é que sai
o ferro frio esquisito

Sohou que o pai e o marids
 beijavam-na muito contentes
 e depois os mesmos dois
 se transformavam em serpentes
 querendo beber-lhe o sangue
 e rasgá-la com os dentes

Mas uma voz lhe dizia:
 não te esqueças de Jesus
 das palavras que ele disse
 antes de subir na cruz
 "atraz de ti vão as trevas
 depois eu te mando a luz"

Acorçou e levantou-se
 e foi rezar o officio
 e disse: são quase horas
 d'eu marchar para o suplicio
 qual o filho de Maria
 na noite do sacrificio

Afinal surgiu o sol
 os raios como uns cristais
 fazendo gotejar pérolas
 dos ramos dos matagais
 Alzira tão solitária
 como os mundos vegetais

Quando soavam dez horas
 pôs-se o sino anunciar
 que o cardeal D. Nilo
 estava próximo a chegar
 Alzira se ergueu do leito
 se ajoelhou, foi rezar

Abrindo seu santuário
e começou a oração
com os olhos cheios de lágrimas
tres vêzes beijou o chão
fitando os olhos no céu
com a seguinte exclamação:

—Jesus, cordeiro de Deus
que ao mundo fostes enviado
em comissão do Eterno
para pagar o pecado
pelo amor de Deus sem mancha
sêde meu advogado!

Aí vestiram Alzira
e foi ela se casar
o sol mudou de repente
a luz querendo embarçar
então uma ave agoureira
não deixava de cantar

No ato de casamento
deu um enorme trovão
mesmo na hora que Alzira
cruzou com o noivo a mão
caiu um raio bem no centro
do castelo de Aragão

—Oh Deus! exclamou o conde
já bastante admirado
parece que foi propósito
êste caso ter se dado?
disse o duque: é por causa
do ar muito carregado

Estavam comentando isso
quando um criado acudiu
disse ao conde: em vossa casa
um raio agora caiu
vinha com tamanha força
que a casa tôda aluiu

Então voltaram do templo
todo mundo espavorido
Alzira como uma estátua
deu o braço ao marido
via-se nela as feições
de quem havia morrido

Devido a essa catástrofe
o festim não teve graça
sô a tristeza de Alzira
entristeceu tôda praça:
—Mal empregado!... era a voz
que dizia o povo em massa

O conde aí confessou
ter grande arrependimento
de ter se comprometido
a fazer tal casamento
porque tudo dava indício
dum mal acontecimento

Então o duque Agripino
levou Alzira à Bruxelas
ia sorrindo com tudo
tanto gôsto tinha nela
porque não tinha na Bélgica
uma que fôsse tão bela

O duque tinha um irmão
o Ernesto de Sancher
assim que Alzira chegou
Ernesto foi logo a ver
quando ela olhou-o, lagrimas
viu-se em seu rosto descer

Ernesto quando avistou-a
criou logo uma paixão
duma maldade infernal
encheu-se seu coração
jurou conquistar Alzira
e envenenar o irmão

Mais aí conheceu logo
que Alzira o repugnou
não quis olhar para ele
nem bem o cumprimentou
perguntou ele a si mesmo:
que remédio aí eu dou?

Alzira a noite sonhou
que o pai do duque Agripino
mandava chamar o filho
e ele ia sem destino
deixando junto com ela
o inimigo assassino

Fazia um ano e um mês
que Alzira tinha casado
quando um dia às 11 horas
o duque estava a seu lado
um portador do pai dele
deu-lhe o seguinte recado:

—Manda dizer vosso pai
 que está quase perdido
 a Grécia lhe propôs guerra
 está sendo perseguido
 e se não for vossa alteza
 breve ele será vencido

—Manda dizer que vá logo
 não fizesse demorar
 que os inimigos estão fortes
 ele não pode lutar
 deixe o reino a Dom Ernesto
 até sua alteza voltar

Então depois entregou-lhe
 um pequenino cartão
 que mandava dar lembrança
 a duqueza de Aragão
 em baixo vinha assinado:
 «teu pai, duque de Milão»

Alzira ficou imóvel
 quando o homem terminou
 veio-lhe no pensamento
 o que ela há dias sonhou
 aí refletindo tudo,
 baixou a face e chorou

Disse o duque: minha filha
 eu parto para Milão
 levo-te na minha mente
 deixo-te meu coração
 fica o reino aqui entregue
 a ti e ao meu irmão

E partiu no mesmo dia
para a terra de Milão
Ernesto passou a noite
na maior perturbação
as maldades mais enormes
tomavam-lhe o coração

Adormeceu um instante
sonhou que Alzira chegava
e dizia: Ernesto, eu te amo;
e com ele se abraçava
dizendo: desde pequena
que teu amor conservava

Ernesto no outro dia
foi a ela visitar
com umas frases fingidas
dizendo: a vim consolar;
Alzira entrou para o quarto
nem o mandou se sentar

Na outra noite sonhou
que Alzira a ele dizia:
eu nasci foi para ti
fada sou tua um dia
êsse desprêzo que dou-te
não é mais que fantasia

Ele no dia seguinte
mandou a ela um cartão
lhe dizendo: «minha prima
«do que tiver precisão
«mande ver que estou aqui
«à sua disposição»

Quando ela leu o cartão
ficou tão repugnada
dando a conhecer a todos
que ficou muito massada
disse apenas ao criado:
eu não preciso de nada

O duque escreveu a ela
num lindo cartão dourado
lhe dizendo que sentia
grande saudade e cuidado
falou num grande segredo
entre ele e ela passado

Já cinco meses faziam
que o duque tinha saído.
Ernesto fez uma carta
em nome desconhecido
dando notícia a Alzira
que o duque tinha morrido

Então Alzira lhe disse:
meu marido não morreu
porque fazem quatro dias
que de Milão me escreveu;
foi apenas o que lhe disse
atenção mais não lhe deu

Os olhos d'ele ficaram
como chamas de vulcão
premeditou logo um falso
para contar ao irmão
estudando qual o meio
de lhe roubar o cartão

Ernesto chegou em casa
recolheu-se ao aposento
como a pessoa que está
em grande contrangimento
tinha medo de si próprio
dava-lhe até passamento

Exclamou ele consigo:
eu só queria saber
se há o diabo que dizem
para me favorecer
para ver se ele fazia
Alzira inda se render!

—Eu lhe dava se exigisse
todos possuídos meus
todos prédios que possuo
de hoje em diante eram seus
lhe dou até por escrito
a parte que tenho em Deus

Nisso adormeceu um pouco
viu uma sombra chegar
dizer: Ernesto te cala
eu vou por ti trabalhar
farei por ti o possível
a fim de Alzira te amar

--Basta que diga e sustente
que de Deus não quer saber
que farei todo possível
para ela se render
até... ela está dormindo
vou vê se a posso colher

Alzira estava dormindo
 viu chegar um ancião
 lhe dizendo: miaba filha
 te faço revelação
 não desprezes teu cunhado
 que é tua salvação

Por sonho ela respondia:
 serás o mau inimigo
 que salste do inferno
 e vens ter aqui comigo?
 eu sou da parte de Deus
 não vou consultar contigo

Então respondeu-lhe o velho:
 teu marido há de morrer
 e depois da morte dele
 tu entrarás a sofrer
 Ernesto sendo por ti
 te pode favorecer

Esse negócio de honra
 não quer dizer quase nada
 pois Maria Madalena
 não foi mulher debandada?
 praticou todos os crimes
 não é bemaventurada?

Alzira si despertou
 abriu o seu santuario
 exclamou: oh! Jesus Cristo
 pela noite do calvário
 defendei-me dessa fera
 inimigo sanguinário!

Ainda viu uma sombra
que do seu quarto saiu
ouviu um grande gemido
quando o santuário abriu
um anjo com duas asas
na frente dela sentiu

Ernesto aí acordou
quando a «sombra pôs-lhe a mão
disse-lhe a voz invisível;
descansa teu coração
hoje não arrumei nada
mas ganho ainda a questão»

Ernesto no outro dia
mandou a ela um cartão
dizendo: «minha cunhada
«faço-te esta confissão
«sou obrigado a dizer-te
«que te amo de coração

«E sua alteza bem pode
«conhecer o que é amor
«é uma chama de fogo
«que arroja com tal ardor
«abrsa mais do que lavas
«a alma do amador

«Inda o duque estando vivo
«dele eu posso me livrar
«tenho i preparado químico
«com que eu posso o matar
«ele tomando esse líquido
«aí podemos casar

Então Alzira escreveu-lhe
mandou-lhe logo dizer
que ele fizesse o favor
de um dia se conhecer
que do seu atrevimento
o duque havia de saber

E que ele a respeitasse
como ela merecia
procurasse uma bandida
era quem lhe pertencia
se tornasse a fazer outra
ela ao marido dizia

Ele ficou como um cão
que está com a hidrofobia
deitava fogo da venta
como cobra se mordía
jurou que aquele desprezo
Alzira lhe pagaria

Alzira tinha uma áia
em quem muito confiava
Ernesto viu que só ela
um jeito nisso lhe dava
pensou logo em iludi-la
pois só assim se vingava

Assim que ele pensou nisso
foi logo dando andamento—
pois só iludia ela
por meio de casamento
dizendo: ela pode dar-me
o melhor conhecimento

Fêz-lhe uma carta bem feita
mandou-lhe por um criado
mandando dizer a ela
que estava apaixonado
dizendo: «entre as mais damas
«só em ti achei agrado

«Desejo uma entrevista
«com tôda sinceridade
«não permito que a senhora
«baixe a dignidade
«pode confiar em mim
«porque tenho honestidade

«Mas tenho que advertir-lhe
«prevenir-lhe enquanto é cedo
«veja que minha cunhada
«não divulgue este segredo
«o fidalgo é muito rico
«de tudo forma um enrêdo»

A áia ficou pensando
como poderia ser
um fidalgo amar a ela
ela não podia crer
depois disse: só se Deus
quiser me favorecer

Teve sempre a entrevista
Ernesto lhe declarou
a paixão demasiada
que desde que a viu tomou
ali diversos segredos
a áia lhe revelou

Como bem, fôsem os cartões
que o duque tinha mandado
um segrêdo que não podia
a ninguém ser revelado
Ernesto pediu-lhe: traga-os
que lhe serei obrigado.

A áia trouxe os cartões
entregou-os a Ernesto
disse ele: Alzira agora
conhece pra que eu presto
isto é um documento
com isto aqui eu atesto

Foi ver um copo de vinho
deu a áia ela bebeu
dizendo logo consigo:
desta aqui livre estou eu;
a áia foi para casa
de madrugada morreu

Faziam um ano e dois meses
que o duque tinha salido
ele na guerra e em casa
ser por um falso traído
isto é, por seu irmão
foi ele assim ofendido

O maldito do irmão
soube quando o duque vinha
foi encontrar-lhe e depor-lhe
toda maldade que tinha
Alzira tão inocente
como qualquer criancinha

Mostrou os cartões ao duque
dizendo que ela lhe deu
o duque chorou de raiva
quando os 4 cartões leu
êle contou-lhe a miúdo
o falso que concebeu

Disse que Alzira foi ter
no quarto que êle dormia
manifestando por êle
uma grande simpatia
pedindo que o matasse
que com êle casaria

O duque vinha a cavalo
e quase que caí da sela
rugia como um leão
quando imaginava nela
dizia: eu não faço nada
sem falar com o pai dela

Quando êle chegou em casa
Alzira o foi receber
quando êle avistou Alzira
ficou quase a se morder
disse: faça-me o favor
de me não aparecer!

Alzira entrou em soluços
e foi fazer oração
um anjo veio por sonho
e lhe fêz revelação
o duque aí escreveu
para o conde de Aragão

Ao cabo de quatro dias
o conde na côrte chegou
foi ao palacio do duque
para a filha não olhou
ela tomou-lhe a bênção
mas ele não lhe botou

Era meia-noite em ponto
o duque a ela chamou
e ali perante ao pai
o fato se propalou
Alzira inda quis falar
mas o duque não deixou

—Maldita! disse o conde
voce para a morte vai
porque é o que merece
tôdas que ao marido trai!...
Alzira olhou e disse:
muito obrigada, meu pai

Disse o conde: há uma ilha
longe daqui e deserta
levem ela matem lá
é esta a sentença certa
cavem 1 buraco e botem-na
e deixem a sepultura aberta

Foram tres homens casados
3 mulheres acompanharam
com tres dias de viagem
na dita ilha chegaram;
—E' aqui...disse um dos tres
ai todos esbarraram

Alzira pediu a eles
que lhe dessem permissão
pra escrever duas cartas
e rezar uma oração
encomendando s' alma
podiam matá-la então

- Pode escrever, lhe disseram
e fazer sua oração
pode encomendar-se a Deus
de todo seu coração
a desgraça é uma coisa
que não tem excepção

Então Alzira aí disse:
quero fazer um pedido
para o senhor entregar
esta carta a meu marido
a outra entregar a meu pai
se inda não tiver saído

Uma das cartas narrava
«senhor duque de Sancher
«nunca lhe fiz um pedido
«agora vou lhe fazer
«o senhor veja esta carta
«tenha a bondade de ler

«Leia todo conteúdo
«desta carta que aí segue
que quando você saiu
«poucos dias foi-me entregue
«interrogue o traidor
«que talvez ele não negue

«E corra às gavetas dele
«que lhe garanto encontrar
«a resposta desta carta
«para me justificar
«que permitido por Deus
«ele não pode negar»

Na mesma carta do duque
ela botou o cartão
que Ernesto mandou a ela
lhe declarando a paixão
onde prometia a ela
envenenar o irmão

«Não faltam mais dez minutos
«para eu deixar de existir
«perdão os meus assassinos
«antes de eu me concluir
«entrego minh'alma a Deus
«estou pronta, posso seguir

«Torno a pedir-te por Deus
«que perdões teu irmão
«um espírito imundo e fraco
«onde só coube a traição
«uma alma sem consciência
«um corpo sem coração

«De minha parte eu perdão
«de todo meu coração
«a ele, a ti, e a meu pai
«toda essa ingratitude
«Deus disse: em sangue maldito
«veja, não te suja a mão

«Ao ver-te o primeira vez
«li logo em teu coração
«fanatismo sem amor
«vingança e ingratição;
«no mais, até tua morte
«a duqueza de Aragão

—Permita-me escrever outra
para o conde de Aragão
e peço a um dos senhores
entregá-la em sua mão
para ele conhecer
que me matou sem razão

«Meu pai, Alzira narrava
«por um Deus Onipotente
«abençoai esta vitima
«que o senhor fez cruelmente
«depois de criar com zelo
«mata-a rigorosamente!

«Eu fui uma pobre ovelha
«criada por um pastor
«esse depois de criar-me
«perdeu de mim o amor
«entregou-me a força bruta
«a um lóbo devorador

«Seu genro tem um cartão
«que o irmão dele mandou-me
«o senhor leia o cartão
«veja o que ele tratou-me
«e veja eu por ser honrada
«o senhor assassinou-me

«Eu ficarei sôbre um túmulo
 «o senhor num paraíso
 «meus olhos gotejam lágrimas
 «seus lábios brotarão riso
 «no mais aceite um adeus
 «até dia de juizo!»

Depois de acabar as cartas
 pôs a mão no coração
 dizendo: agora senhores
 só me falta uma oração
 acabando essa, me matem
 está concluída a missão

Ajoelhou-se e fitou
 para o céu os olhos seus
 exclamou muito humilde:
 meu Jesus, rei dos judeus
 valei-me na última hora
 peço pelo amor de Deus!

—Perdoe em nome de Deus
 a quem me mandou matar
 como também estes três
 inda torno a perdoar
 porque a força vieram
 minha vida liquidar!

-Oh! meu Senhor Jesus Cristo
 Deus e homem verdadeiro
 pastor das almas perdidas
 redentor do mundo inteiro
 vinde assistir vossa serva
 no momento derradeiro!

Nisso os três encarregados
viram chegar um cordeiro
que chegando junto a Alzira
lançou um olhar ligeiro
dizendo: fique em paz
filha de Deus verdadeiro

Eram os três encarregados
Berto, Lúcio e Martínez
olhava um para o outro
cada um por sua vez
dizia: eu não toco nela
assim diziam os três

Martínez disse: senhora
em nome de Deus eu juro
embora eu morra não lavo
as mãos em teu sangue puro
queres voltar? te levamos
a Deus pertence o futuro

Disse Alzira: Martínez
agradeço muito a ti
Deus há de te acompanhar
vão em paz, eu fico aqui
quando um dia procurar-me
estou naquele monte ali

Despediram-se de Alzira
todos três foram embarcar
encontraram tantas pérolas
na beira daquele mar
que cada um desses três
levou com que enriquecer

Quatro dias de viagem
levaram para voltar
chegaram tarde da noite
não puderam mais falar
ao duque mais ao conde
nada puderam tratar

A carta que foi ao duque
Martinez foi entregar
mas quando o duque a viu
antes dele lhe falar
disse logo: sobre Alzira
nada me venha tratar

A carta que foi ao conde
Martinez foi a levar
o conde vendo-a também
antes dele lhe falar
disse logo: sobre Alzira
nada me venha tratar

Ele voltou com as cartas
por não poder entregar
guardou-as pra quando eles
mandassem ali o chamar
todos tinham medo deles
nada podiam tratar

Assim passaram dez anos
o duque sempre sentido
parecia estar ouvindo
de Alzira um gemido
e uma voz perguntar-lhe
então já estás esquecido?

Então o duque Agripino
estava dormindo, sonhou
que passava pela ilha
que Alzira se sepultou
viu ela sobre um altar
e a face a ele virou

Por sonho ela perguntava:
minha carta o senhor leu?
Martinez foi entregá-la
o senhor não recebeu?
procure qu'ele inda tem
veja o que foi que se deu

O duque aí despertou
pegou a imaginar
dizendo: será Alzira
que não pôde se salvar
aquela grande traição
fêz ela se condenar?

Depois disso adormeceu
ainda tornou a sonhar
que Alzira tornou a vir
dizer-lhe: mande chamar
Martinez que tem a carta
para me justificar

Tornou ele a despertar
e não pôde mais dormir
dizendo: não é possível
Alzira mais existir
foi uma morte que fiz
tôda vida hei de sentir!

As 6 horas levantou-se
e foi para o pavilhão
disse um criado: essa noite
chegou uma embarcação
parece que chegou nela
o conde de Aragão

O duque disse ao criado:
você com urgência vá
em casa de Martínez
lhe diga que venha cá
diga que eu mando dizer
que não se demore lá

Quando Martínez chegou
estava o conde Aragão
Martínez que já trazia
as duas cartas na mão
a cada um deu a sua
nessa mesma ocasião

Quando o duque abriu a carta
que leu todo conteúdo
ficou como: uma estátua
como quem é doído ou mudo
pôs a mão sobre a cabeça
quase enlouquece de tudo

O conde ficou imóvel
sem palavra articular
exclamava: oh! minha filha,
teve razão de falar
no lugar que tu morreste
irei me suicidar!

Foram as gavetas do monstro
acharam a carta guardada
escrita já há dez anos
não tinha letra apagada
já prometida por Deus
foi ela aí conservada

Ernesto estava dormindo
sonhou que ia morrer
acordou e contou tudo
sem ninguém nada dizer
até a morte da áia
o duque pôde saber

Aí o duque Agripino
não pôde mais suportar
lançou a mão ao alfange
quis o irmão degolar
mas como Alzira pediu-lhe
ele não quis o matar

Perguntaram a Martinez:
aonde você a matou?
disse Martinez: de nós
um nela a mão não tocou
qualquer um flica assombrado
sabendo o que se passou

Aí prenderam Ernesto
foram a Ilha de Salomão
disse o duque vamos ver
os ossos dela onde estão
foram o duque e os homens
e o conde de Aragão

Foram todos bem munidos
cada qual mais preparado
então no mesmo navio
levaram Ernesto algemado
pra aonde achasse os ossos
matarem ele queimado

Foram direto ao lugar
que Alzira tinha ficado
acharam a sepultura
que os homens tinham cavado
então acharam uma carta
que Alzira tinha deixado

Tinha na carta o seguinte:
«quando alguém me procurar
«vá ao pé daquele monte
«onde pode me achar»
então via-se uma serra
confronte a êsse lugar

Precisa agora tratarmos
da forma que ela ficou
as aflições que sentiu
quando na ilha se achou
às nove horas da noite
o susto que ela tomou

Depois que ela ficou só
pegou a pensar na vida
nos carinhos que gozou
duma mãe terna e querida
depois naquele deserto
por todo mundo esquecida

Recordava-se das horas
que ao colo do pai dormia
os beijos de sua mãe
que dormindo recebia
com essas recordações
ainda mais se affligia

Pousou as faces nas mãos
exclamando: eu morro aqui
quando viu uma mulher
dizer-lhe: Deus é por ti
quem val te ensinar a casa
espere que vem ali

Então lhe disse a mulher;
eu sou mãe dos desvalidos
amparo dos desgraçados
glória dos arrependidos
consoladora dos tristes
doçura dos affligidos

Ainda a mulher lhe disse:
deixo esta fera contigo
eis aí um leopardo
te servirá como amigo
tua casa é uma cova
viva lá, conté comigo

Ela foi para uma luma
que no pé da serra havia
fêz uma cama de feno
na cova onde dormia
todas as frutas do vale
era o que Alzira comia

Um leopardo e um tigre
de Alzira não se apartavam
ela dormia na alcova
eles na porta ficavam
dois pombinhos muito alvos
na cama dela pousavam

Agora nos ocupamos
com o conde de Aragão
quando viu a sepultura
esfriou-lhe o coração
ai o duque Agripino
quis degolar o irmão

Só as pedras não choravam
vendo o conde de Aragão
o rosto inundado em lágrimas
ajoelhado no chão
até as feras choravam
vendo aquela exclamação

Oh! quanto sou criminoso
pai desgraçado sou eu
não ter dó duma inocente
que aqui sem culpa morreu
não há serpente que tenha
um coração como o meu!

Foram em procura da cova
como na carta dizia
Ernesto ficou ali
com os ferros que trazia
algemas, grilhões, correntes
que ali não se bolia

Eram dez horas do dia
quando eles dali seguiram
eram seis horas da tarde
quando a serra descobriram
a noite se aproximava
fizeram fogo e dormiram

Martínez, o duque e o conde
a noite toda velaram
Lucia, Berto, êsses tambem
muito pouco se deitaram
devido as feras que haviam
a noite em claro passaram

De manhã viram uma cova
que dava u'a grande entrada
por debaixo da montanha
sendo com pedra lorrada
viram uma cama onde estêve
uma pessoa deitada

Depois no centro da cova
ouviram gente cantar
um hino ao sacramento
perfeitamente entoar
uma voz tão sonora
que fazia admirar

Então o hino dizia:
vinde a mim, oh! sacramento
já que vós sois o pão vivo
que me serve de alimento
só sinto fome em vós
só em vós achei sustento

--Vinde oh! pai dos miseráveis
vossa serva abençoar
com vossa graça divina
vinde minh'alma banhar
com vosso terno carinho
vinde meus prantos enxugar

—Vós sois o guia dos cegos
remédio do moribundo
asilo dos desterrados
sem pátria, sem lar no mundo
quem arrima órfão sem pai
quem agrega o vagabundo

Disse o conde de Aragão:
vamos ver quem canta ali
não é gente d'este mundo
é visão que tem aqui;
disse o duque: tenho idéia
que aquela voz já ouvi

Foram entrando pela cova
e a voz sempre seguindo
um cheiro muito agradável
iam na cova sentindo
sairam em cima do monte
o mesmo canto iam ouvindo

Já ao chegar no lugar
que Ernesto tinha fleado
viram Alzira que seguia

cantando no meio do prado
atrás dela duas feras
um tigre e um leopardo

—É ela! exclamou o conde
deu-lhe uma síncope e caiu
Alzira olhou para traz
quando o pai caído viu
disse às feras: não se movam
voltou, ao pai acudiu

O duque Agripino quis
aos seus pés se ajoelhar
Alzira não consentiu
mandou-o se levantar
—Não sou Deus, dizia ela
para ninguém me adorar

O duque voltou a si
em soluço sufocado
dizia a filha: perdoa
a este pai tão malvado!
disse Alzira: eu perdoei
desde quando foi passado

O duque Agripino pálido
como quem estava doente
dizia: eu sou um malvado
obrei mal completamente
não consultei a razão
mandei matar-te inocente

—Você hoje é meu juiz
marque a pena que quiser
marque pra mim o castigo
a maior pena que houver...
—Seu castigo é perdoar
Ernesto aonde estiver

Então Alzira rompeu:
ouçam meu pai e marido
quem segue o trilhão de Deus
é sempre favorecido
tem tudo que desejar
assim não seja flugido

—Deus olha até para a árvore
que amanhã será cortada
não importa que a árvore
seja no fogo lançada
quanto mais a criatura
com sangue dêle banhada

—Perante a Deus o tesouro
é corpo inutilizado
Deus para vencer questão
não precisa advogado
tendo a razão e a virtude
tem um juízo ao seu lado

—Eu fui vítima desse falso
fui morrer como se viu
mas Deus ciente de tudo

olhe como ele me acudiu
o cálculo do traidor
a ele nada serviu

O tigre aí vendo eles
rosnando se levantou
— Se aquiete, disse Alzira
a fera quieta ficou
aí o duque Agripiao
dessa ação se admirou

Então ela viu Ernesto
sobre a campina estendido
saindo sangue do corpo
o peito muito ferido
com os olhos fitos no céu
mas já quase sem sentido

—Que infeliz é aquele
que está no ultimo da vida?
—É meu irmão, disse o duque
por quem tu foste traida;
—Que desgraça! exclamou ela
que mão de fera homicida!

E' o que pode sair
do teu negro coração
este teu peito de fera
só tem nele ingratidão
um urso talvez ouvisse
os gritos do teu irmão

—Tu também não merecias
os ferros por sua vez?
o crime não foi só dele
foi incluído nos três
tu fizeste mais a Deus
do que teu irmão me fêz

E marchando para Ernesto
as correntes lhe tirou
disse: levanta-te, infeliz
o diabo te tentou
vai pedir perdão a Deus
a culpa te condenou!

Ernesto baixou a face
em soluços se afogando
não podia olhar Alzira
a face a ela ocultando;
—Eu não já te perdoei?
disse ela soluçando

—E torno a te perdoar
de todo meu coração
além de seres carrasco
também não és meu irmão?
vai chorar os teus pecados
que Deus te dá o perdão

—Vês estes 2 pombos brancos
que comigo conviviam?
são almas de duas virgens

que pobremente viviam
 deram a vida pela honra
 venceram quem as perseguiam.

Eraesto pediu a ela
 em visto de perdoar
 ele ficaria ali
 para os pecados pagar
 ela disse: criminoso
 aqui não pode ficar

— Isto aqui é um jardim
 da Virgem da Soledade
 vivem aqui os escolhidos
 da Divina Majestade
 que despreza o tesouro
 e preza a honestidade

Disse o conde de Aragão:
 quero fazer-te um pedido
 em nome da Divindade
 a companhia teu marido
 éle promete que agora
 ficará arrependido

Partiram todos da ilha
 marido, pai e cunhado
 Berto, Lúcio e Martínez
 que a tinham ali deixado
 ao partir ela abraçou
 o tigre e o leopardo

Ernesto chegando em casa
não se podia conter
tôda hora todo instante
ouvira uma voz dizer:
teu crime foi perdoado
mas inda tens que sofrer

Êle vendeu o que tinha
deu aos necessitados
saiu como um peregrino
dêsses pobres desgraçados
pra ver se assim podia
inda expiar seus pecados

Já faziam vinte anos
que Ernesto peregrinava
mas não deixava de ouvir
uma voz que lhe avisava
que as lagrimas de Alzira
ainda um dia o molhava

Foi se empregar numa chácara
dum orgulhoso que havia
u'a alma igual a Ernesto
que pouco se distinguia
um monstro sem consciência
a quem Deus aborrecia

Êsse tinha uma filha
que de Ernesto se engraçou
Ernesto estava na chácara

quando ela se declarou
dizendo: eu te amo muito;
mas Ernesto a recusou

Ela tornou-lhe a dizer
que estava apaixonada
então prostrou-se a seus pés
em terno pranto banhada
Ernesto aí contou tudo
que se deu com a cunhada

Ela irada com Ernesto
um falso lbe levantou
disse ao pai: seu jardineiro
hoje a mim desrespeitou;
o pai ficou muito irado
quando a filha terminou

Ele chamou 3 sicários
disse que a Ernesto levassem
pra uma serra que havia
os olhos lhe arrancassem
cortassem-lhe ambas as mãos
e no deserto o deixassem

Era meia-noite em ponto
nem mesmo ave cantava
a lua pálida e fria
no espaço flutuava
Ernesto sobressaltado
nossa hora inda velava

Então chegaram os sicários
deram-lhe voz de prisão
perguntou Ernesto a um:
que queres de mim, irmão?
— Ensiná-lo a namorar
a filha do seu patrão

Ernesto aí se lembrou
do seu antigo passado
disse: senhores, estou pronto;
o levaram an arrado
às seis horas da manhã
chegaram ao ponto marcado.

Então disseram a Ernesto
tudo que iam fazer
Ernesto pediu a eles
para lhe esclarecer
então disseram-lhe tudo
que ouviram o patrão dizer

Aí lhe arrancaram os olhos
ambas as mãos lhe cortaram
esvaldo em muito sangue
nesso deserto o deixaram
sem ele poder voltar
alí o abandonaram

Quando ele tornou a si
ouviu uma voz dizer:
perdoa teus inimigos

pois estás proximo a morrer;
era um monge que achou-o
mas nada pôde fazer.

Ernesto se confessou
descobriu na confissão
o que fez com a cunhada
com o tio e o irmão
disse o monge; assim só eles
podem te dar o perdão

Pôde botá-lo nas costas
ocultamente o levar
escondeu-o num convento
e mandou participar
ao duque de Bruxelas
para mandá-lo buscar

Al quando Alzira soube
insistiu com o marido
que fôsse ver o irmão
que não tinha tado morrido
e com certeza estaria
do que fez arrependido

O duque mandou buscá-lo
e Alzira foi o tratar
então ela lhe dizia:
Deus há de te perdoar
não há filho neste mundo
para Deus desamparar

—Se a justiça perguntar:
quem te mandou fazer isto?
oculta muito em segredo
como disse Jesus Cristo
esquece o mal a ti feito
que te salvas, está bem visto

—Perdoa a esses cruéis
que os olhos te arrancaram
pede a Deus por todos três
que a caridade faltaram
são esses cegos do mundo
com vista nada enxergaram

E aí expirou Ernesto
com a maior contrição
no pé do grande altar
da Virgem da Solidão
Alzira ouviu uma voz
dizer-lhe: está o perdão

Leitores, eis um exemplo
êste que aqui escrevi
a vida traz isto tudo
outra coisa nunca vi
Deus paga o bem com o bem
grande é aquele que tem
o amor de Deus em si

Estréla que se Apagou

SONETO

Uma estréla do céu da minha vida
apagou-se, deixou-me no escuro
sem carinho, sem lar e sem guarida
denegrindo o porvir do meu futuro

Estraguei uma infância tão querida
na confiança de um passo mais seguro
depois entrei num beco sem saída
quis sair dele, debalde inda procuro

O sofrimento que eu julgo quase eterno
para quem vive nas chamas do inferno
arrenegando o presente e o passado

Mas todo esse tormento que passei
foi somente porque não me casei
com a primeira mulher que fui amado

João Martins de Athayde

Tip São Francisco

José Bernardo da Silva

Rua Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA

*Mercado S. José-Compartimento N. 7
Recife Pernambuco*

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

*Café S. Miguel, dentro do Mercado Cen-
tral Fortaleza - Ceará*

Exclusivo em Natal

ANTONIO NMÍDIO DA SILVA

Rua Col. Betóvum, 1886 -- Natal-R.G.N.

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

*Mercado de Ferro Aparador, 26
Belém - Pará*

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

*Rua Eng. Paulo Lopes, 695--Lote 4
Bangu - Rio - GB*

JOSÉ DE SOUZA CASTRO
Mercado de Baturité

Quarto n. 68 - Baturité - Ceará

BANCA TROVAS DO NORTE

Lino Ferreira Neto - Mercado Publico

Santa Inês - Maranhão